

A idade das trevas da alma humana: uma análise
de *O remorso de Baltazar Serapião*

The middle ages of human soul: an analysis of
O remorso de Baltazar Serapião

Shirley de Souza Gomes Carreira¹⁰⁹

¹⁰⁹ ABEU- Centro Universitário, Rio de Janeiro, RJ, doutora em literatura comparada, professora titular do Curso de Letras, shirleysgcarr@gmail.com

Este trabalho está vinculado ao Laboratório Multidisciplinar de Estudos de Memória e Identidade, com fomento da FAPERJ.

RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar o romance *o remorso de baltazar serapião*, de Valter Hugo Mãe, na perspectiva das relações de gênero e poder, demonstrando que o contexto pseudomedieval do romance remete, de fato, para uma concepção atemporal dessas relações, presentes, inclusive, no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: gênero; poder; Valter Hugo Mãe.

ABSTRACT: This article aims to analyze Valter Hugo Mãe's novel *o remorso de baltazar serapião* from the perspective of gender and power relations, demonstrating that pseudo-medieval context of the novel refers, in fact, for a timeless design of those relationships, present, inclusively, in the contemporary world.

Keywords: gender; power; Valter Hugo Mãe.

O tempo ainda não se redimiou da história das mulheres.
Valter Hugo Mãe (COZER, 2011)

Introdução

Quando Hebbel enunciou a célebre frase “Numa obra de arte o intelecto faz perguntas, não as responde”, provavelmente o fez em um sentido geral, sem ter em mente o efeito provocado pela literatura, em seu caráter experimental. No entanto, cada vez mais, é possível constatar a veracidade dessa máxima ante as estratégias narrativas e discursivas presentes na literatura dos séculos XX e XXI.

Uma obra literária bem-sucedida tem o dever de nos interrogar. Assim é que a leitura de *o remorso de baltazar serapião*, de Valter Hugo Mãe, desperta no leitor todo um universo de questões para as quais o romance não oferece resposta, deixando para o leitor a tarefa de elaborá-las.

O remorso de baltazar serapião reconstitui, através das relações sociais que recriam as relações em um contexto medieval, um mundo distópico, regido pelo modelo masculino de dominação: o arquétipo viril (SARDA, 1991).

O termo distopia será usado neste texto em preferência a outros nomes tais como antiutopia, utopia devolucionária, contrautopia e utopia negativa para designar qualquer projeção de uma sociedade localizada em tempo e espaço específicos que o leitor pode perceber como pior que a sociedade na qual ele vive (MOYLAN, 2000, p. 74).

As distopias ficcionais constituem contranarrativas utópicas que se opõem à hegemonia do discurso distópico dominante, ou seja, são “distopias críticas”. Ao contrário do que ocorre na utopia, na distopia não há um deslocamento acidental que leve o protagonista a um local fabuloso de onde retornará para narrar a própria experiência. Diferentemente, a narrativa ocorre em *media res*, já no cenário distópico.

A contextualização histórica do romance concretiza-se no discurso do próprio narrador, quando este, ao descrever a casa de d. afonso, afirma que “Dom Dinis, ele próprio, viveria ali de agrado sem queixa de qualidade ou luxo” (MÃE, 2010, p.44). D. Dinis reinou em Portugal de 1279 a 1325, em plena Era Medieval.

Em *o remorso de baltazar serapião*, como afirma Claudia Nina (2012), “há uma Idade Média cravada no coração da letra, mas o recorte textual é absolutamente contemporâneo”. Na realidade, pode-se dizer que, mais que contemporâneo, o recorte é atemporal, uma vez que traz à baila questões que envolvem poder, gênero e violência.

A história se conta...

Em seu romance, Valter Hugo Mãe cria a família dos sargas, assim conhecidos pela estima que o patriarca, afonso serapião, tem por uma vaca, denominada sarga, que, segundo boatos dos habitantes do local onde vivem, teria parido todos os seus filhos.

O senhor da casa a que servem também se chama Afonso, o que estabelece, desde o início, uma relação especular entre as duas famílias: a dos sargas, à guisa de microcosmo invertido da família de d. afonso.

Vivendo em extrema pobreza e explorados por d. afonso, os sargas parecem conformados com a própria sorte. Em seu mundo limitado e pobre de sonhos, baltazar, o filho mais velho, aspira ao casamento com ermesinda, a moça mais bela do lugar. Seu amor por ela, no entanto, transpira o seu instinto de posse:

[...] invadirei a sua alma, pensava eu, como coisa de outro mundo a possuí-la de ideias para que nunca se desvie de mim por vontade ou instinto, amando-me de completo sem hesitações nem repugnâncias. e assim me servirá vida toda, feliz e convencida da verdade. (MÃE, 2010, p.23)

Seus planos incluem a utilização do espaço a princípio destinado a abrigar a vaca, transformando-o no aposento onde viverá com a futura mulher. A precariedade de sua vida o impossibilita de ter moradia própria, razão de contentar-se em viver com a família até que tenha condição de apartar-se.

Nesse mundo, os sargas “batiam os cascos em grandes trabalhos”, preparando-se, sem saber, “para desgraças absolutas ao tamanho de bichos desumanos”. E as desgraças, preconizadas no primeiro capítulo, lhes vêm em forma de mulher, cuja voz “estava sob a terra, vinha de caldeiras fundas, onde só o diabo e gente a arder tinham destino”.

A comunidade em que vivem, falocêntrica, confere à mulher um papel de subalternidade, pois “uma mulher é ser de pouca fala, como se quer, parideira e calada [...] para não estragar os filhos com os seus erros” (MÃE, 2010, p.17). A voz feminina, por seu poder de sedução, é rejeitada e temida. A misoginia que perpassa o romance se instaura em suas primeiras frases, na medida em que confere à mulher uma posição inferior a de um animal:

[...] a voz das mulheres estava sob a terra, vinha de caldeiras fundas onde só o diabo e gente a arder tinham destino. A voz das mulheres, perigosa e burra, estava abaixo de mugido e atitude da nossa vaca, a sarga, como lhe chamávamos. (MÃE, 2010, p.11)

Por outro lado, o aspecto falacioso do poder masculino se evidencia na associação da figura da mulher à transgressão, originando a necessidade de vigilância; necessidade esta que invalida de maneira clara o poder que as personagens masculinas se autoconferem. Poder que só pode ser exercido por meio da força.

A aura de perigo que reveste a mulher é assim descrita no capítulo dois:

O mundo que as mulheres imaginavam era torpe e falacioso, viam coisas e convenciam-se de estupidez por opção, a suspirarem em segredos inconfessáveis, cheias de vício de sonho como delírios de gente acordada, como se bebessem de mais ou tivessem sido envenenadas por cobra má. (MÃE, 2010, p.17)

A mãe de baltazar é uma mulher silenciada pelo medo, quase um espectro a vagar pelo território dos homens, a servir-lhes, com respeito e temor. Brunilde, a única filha, aos 11 anos é enviada à casa de d. afonso para servir-lhe, e recebia tarefas leves,

para que se conservasse boa de aparências, com a pele clara e as mãos ágeis, assim a queria o senhor para as sevícias que lhe davam a ele, a esfregar-se e a meter-se nela pelos cantos da casa, a tentar retribuir-se de tudo o que dona catarina, velha de carnes, descaída e dada a maleitas, já não lhe oferecia. (MÃE, 2010, p. 20)

O exame do romance exige que se faça uma reflexão acerca da relação entre gênero e poder. Para Foucault, a estrutura social é atravessada por múltiplas relações de poder, que não se situam apenas em um local específico, como um aparelho de Estado, mas que são imanentes ao corpo social. Relações de poder estas que atingem a realidade mais concreta dos indivíduos e que estão ao nível do próprio corpo social, penetrando nossas práticas cotidianas (MACHADO, 1981).

A estrutura social medieval que o romance cria é fixa, sem chance de ascensão e como servos. Os sargos têm consciência dessa subalternidade *ad infinitum*. O poder se irradia de baixo para cima, sustentando as instâncias de autoridade, à medida que, para as personagens, servir a “um grande senhor”, acaba por tornar-se um diferencial, como mostra a passagem a seguir:

[...] e ela já me olhara por vezes, sem saber que era eu quem lhe rondava o destino, tido ali em sorte pelo facto de os nossos pais se identificarem em amizades antigas, era eu, por sorte ali distinguido, um moço como outro qualquer, mas dos sargos, sem estropios de corpo nem maleitas de cabeça,

escorreito nos trabalhos e incumbências, ao serviço de um grande senhor, protegido assim por deferência divina[...] (MÃE, 2010, p.23).

A dessimetria social leva à total impossibilidade de isonomia e isogoria dos discursos, que, da parte dos sargos, é sempre subserviente.

O casamento de baltazar e ermesinda se concretiza e ele, embevecido com o seu novo *status* de homem casado, detém-se na descoberta dos prazeres de uma vida a dois.

A concepção de casamento para baltazar é, antes de tudo, uma relação de poder:

[...] claro que me corria à cabeça a ideia de que abria novos perigos trazer a mim tão doce rapariga, como custaria manter o meu território em redor dela[...] eu teria espírito para proteger minha mulher e lhe pôr freios, ela haveria de sentir por mim amor, como às mulheres eram competido, e viveria nessa ilusão, enganada na cabeça para me garantir a propriedade do corpo[...] (MÃE, 2010, p.23)

De certa forma, ele tenta reproduzir o modelo de dominação do qual ele mesmo é vítima. No entanto, a subordinação de baltazar é também a causa de sua infelicidade, pois vive acossado pelo ciúme, que dá origem a uma crescente violência. Ermesinda passa a ser vítima de agressões físicas e seu corpo vai sendo deformado aos poucos. A violência é compreendida, então, como reação ao enfraquecimento do poder (BEZERRA, 2005).

Testemunha da violência que o pai impunha à mãe, a ponto de, estando ela doente e à morte, invadir-lhe as entranhas com a mão em busca de uma gravidez imaginada, Baltazar repete a lição dada:

e, quando a ermesinda veio, entrou no nosso lado da casa, solta das demoras de Dom Afonso, preparada para se explicar, sabia eu, e surpresa com a minha aparição gaguejou algo que não ouvi, tão grande foi o ruído de minha mão na sua cara, e tão rápido lhe entornei o corpo ao contrário e lhe dobrei o pé esquerdo em todos os sentidos, que te saíam os peidos pela boca se me voltas a encornar (...) (MÃE, 2010, p.53)

A subjugação da mulher até a desumanização contrasta com a humanização da vaca dos sargos, mais bem tratada que as personagens femininas do romance.

Assim, o narrador descreve teresa diaba, a prostituta do povoado que é responsável pela iniciação sexual dos rapazes:

a teresa diaba era quem vinha muito por mim. Parecia uma cadela no cio, farejando aninhada pelos cantos das árvores e dos muros, à espera de ser surpreendida por macho que a tivesse. [...] estropiada da cabeça, torta dos braços, feia, ela só servia de mamas, pernas e buracos, calada e convicta, era como um animal que fizesse lembrar uma mulher. (MÃE, 2010, p. 27-28)

No romance, as mulheres são comparadas a cadelas, vacas, porcas, cabras e cobras. Observa-se, assim, que “a humanização integral do animal coincide com uma animalização integral do homem” (AGAMBEN, 2013, p. 127).

Quando, após a morte da mãe, o irmão de baltazar é intimado pelo senhor a ir reproduzir suas pinturas no castelo, este o acompanha, mas não sem a insegurança de que a esposa possa vir a traí-lo com d. afonso. Causa impacto no leitor a descrição de como baltazar arranca um olho da esposa e mais ainda a naturalização da violência.

entrei em casa e, noite coberta, escuro e silencioso o momento, entrei dedo dentro de ermesinda olho arrancado. Como te disse, ermesinda, prometido de coração é devido. Ficarás a ver por sorte ainda, ficarás a ver melhor do que te devia deixar, mas deixo-te o outro para vez que me pareça. Ou por piedade, deixo-to por piedade, e a este deito-o à terra e cubro-o para ser comido. Não te preocupes agora, se dormires de mão aí tapada acordarás ainda e ainda também quando eu for e voltar (MÃE, 2010, p. 108)

A deformação física leva ao apagamento dos traços de humanidade das mulheres, reconstruindo em baltazar, que também é desumanizado aos olhos do seu senhor, um arremedo da sensação de potência.

Ao fim do romance, já afetados pela maldição que a mulher queimada lançara sobre eles, baltazar, aldegundes, seu irmão, e o amigo dagoberto se dirigem à casa de d. afonso para implorar auxílio a d. catarina, esposa deste, que, já recalcitrada com as constantes traições do marido, investe contra ermesinda, acusando-a de não apenas copular com o seu senhor, mas também de fazê-lo com outros homens, sugerindo inclusive que melhor seria se Baltazar a matasse.

A esta altura, ermesinda já se havia transformado em um ser monstruoso, tamanha a violência do marido para com ela: tinha um pé, um dos braços e a coluna entortados, além de um olho arrancado e a cabeça afundada pelas mãos de baltazar. Incompreensivelmente, este ainda a acha bela e desejável, a ponto de ainda nutrir ciúmes.

No universo ficcional do romance, há apenas duas mulheres que recebem um tratamento diferenciado: d. catarina, que reproduz a liderança do marido em sua relação com as serviçais, e gertrudes, que é vista como bruxa.

Catarina é uma mulher ponderosa a seu modo. Ao invés de sentir-se oprimida como outras mulheres no romance, ela assume um comportamento tirano.

Por seu turno, Gertrudes aceita a condição de pária, porque reconhece nessa condição um modo de resistência ao patriarcado. Acusada de bruxaria¹¹⁰, lhe ateiam fogo, mas sobrevive e, mais tarde, imputa a Baltazar, Aldegundes e Dagoberto maldição semelhante, pois já não poderão se apartar sem se consumirem.

Já não lhes bastam sequer as roupas, que se estragam em uma rapidez vertiginosa com o calor que lhes emana dos corpos.

Quando Ermesinda os acompanha, Baltazar, erroneamente, imagina que, a partir daquele momento, a manterá a salvo da cobiça de outros homens, mas ela passa a ser continuamente violada por Aldegundes e Dagoberto. A essa altura, deformada e sem condição de falar, sequer pode defender-se.

O remorso surge com o desejo de que a história pudesse ter sido outra:

eu sentiria até ali o remorso dos bons homens, como havia pensado, remorso duro de tão dignamente administrar a educação da minha Ermesinda. Mas até ali, pensei, até ali, porque naquele momento, mais do que a condenação de restarmos os quatro encurralados para todos os avios, ocorreu-me a falha grave do meu espírito. E tão amargamente me foi claro que, por piedade ou compreensão com os meus companheiros, e talvez por ausência da voz da minha mulher, passara para lá do limite. O remorso dos bons homens já não me assistia, senão só a burrice e ignorância de quem abdicara da sua mulher. (MÃE, 2010, p. 193)

Ao fim, morta a esposa após mais um estupro, a sua violência eclode contra os dois homens a quem esteve atado pela maldição. O romance termina quando ele se dá conta de que seu corpo queima e que provavelmente há de consumir-se.

Uma Idade Média presente

O romance aborda o conflito que se instaura em Baltazar por um viés dialético, uma vez que o contexto contém marcas do passado, mas a transgressão que opera na linguagem está sempre a se anunciar como uma marca do presente.

¹¹⁰ A perseguição às “bruxas”, que teve início na Idade Média europeia e durou quase quatro séculos, resultando na morte de milhares de mulheres e se acirrou depois da enorme devastação decorrente da peste negra, a qual vitimou 1/3 da população europeia entre 1347 e 1350. Mulheres consideradas hereges, praticantes de ritos pagãos e que, conseqüentemente, colocavam a instituição Igreja Católica em risco, eram sentenciadas à morte nas fogueiras. O mais famoso manual de caça às bruxas, *O martelo das feitiças (Malleus maleficarum)*, surgiu em 1484.

Ao forjar uma linguagem típica do mundo medieval, Mãe deixa também entrever o exercício da escrita de um autor contemporâneo. A par disso, detalhes, como o uso de minúsculas, vão além de uma questão estilística.

Especificamente em *o remorso de baltazar serapião*, o uso de minúsculas surge como uma forma de ironia (MUECKE, 1995), pois sugere uma igualdade, uma espécie de democracia das palavras, que a diegese não contém.

A ironia configura-se como um paradoxo, uma dupla exposição que revela divergências entre realidade e desejo, sendo a vítima arquetípica da ironia “o homem, considerado pego em armadilha e submerso no tempo e na matéria, cego, contingente, limitado e sem liberdade – e confiantemente inconsciente de que é este o seu dilema” (MUECKE, 1995, p. 68). Ao confrontar o que se pode esperar e o que realmente acontece, o ironista apresenta esses fatos inesperados, como no exemplo citado por Muecke, em sua obra, em que um nadador exímio se afoga. (GAI & TORRES, 2014, p.29)

Se por um lado, conforme afirma o autor, a ausência de maiúsculas é uma tentativa de aproximação da oralidade, por outro, é a via de expressão dos seres de papel que cria: marginalizados, subalternos, causadores de uma estranheza que se presentifica na narrativa. São seres marcados pela dessimetria social, minúsculos no mundo em que vivem; iguais apenas nas suas carências e dores.

O fio tênue entre o que é humano e o que não o é perpassa toda a obra e está estreitamente ligado à questão do poder. No romance, o poder é coercivo.

Muito embora o conceito tradicional de distopia remeta a uma projeção no futuro, percebe-se claramente que em *o remorso de baltazar serapião* ela se concretiza por meio de uma “idade média” anacrônica, ou melhor, atemporal, que é, antes de tudo, resultante de um posicionamento social e moral. Assim, constitui-se como um “estado”, ao invés de um período histórico.

No romance, a questão do poder desenvolve-se em duas esferas distintas. A primeira reside no relacionamento entre servo e senhor.

É observável no romance que d. afonso exerce autoridade sem necessitar recorrer efetivamente à violência. Como os demais, baltazar aquiesce às suas ordens. A obediência está diretamente relacionada ao reconhecimento da autoridade, que faz com que o poder ganhe estabilidade e sustentação.

A segunda, mais impactante, está relacionada ao gênero. Baltazar, frequentemente associa o seu relacionamento com ermesinda a um processo de “ensino”, de “educação”. Conforme Cabral e Diaz nos fazem lembrar,

As relações de gênero são produto de um processo pedagógico [grifo nosso] que se inicia no nascimento e continua ao longo de toda a vida, reforçando a desigualdade existente entre homens e mulheres, principalmente em torno a quatro eixos: a sexualidade, a reprodução, a divisão sexual do trabalho e o âmbito público/cidadania. (CABRAL & DIAZ, 1998, p.142)

A docilidade de Ermesinda mediante as agressões físicas do marido encontra eco nesse processo pedagógico que incute a noção de desigualdade e a necessidade de submissão.

A violência surge quando há um enfraquecimento do poder. Ao pressentir que está perdendo seu controle sobre Ermesinda, Baltazar se torna violento.

Ao instituir no romance essa tensão dialética entre poder e violência, Valter Hugo Mãe provoca as indagações a que Hebbel alude, na citação que constitui ponto de partida para este texto.

Para Scott (1990, p.14), “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”. Gênero é, portanto, uma categoria que não está pautada na diferença sexual, mas na relação social entre mulheres e homens enquanto sujeitos sociais (MADEIRA & COSTA, 2012, p. 83).

Um breve olhar à situação da mulher em vários locais do globo é suficiente para provar que a “idade média” retratada no romance é ainda bastante presente. Das páginas dos jornais, que trazem notícias sobre mulheres punidas ou mortas pelos seus companheiros devido ao ciúme e ao sentimento de posse, às violências culturais, como a mutilação genital, a história das mulheres continua a reproduzir episódios de violência.

Para Hirigoyen (2006), na origem da violência contra a mulher há fatores sociais e psicológicos, estes últimos construídos pela educação e pelo ambiente social, gerando toda sorte de manifestações violentas:

A violência física inclui uma ampla gama de sevícias, que podem ir de um simples empurrão ao homicídio: beliscões, tapas, socos, pontapés, tentativas de estrangulamento, mordidas, queimaduras, braços torcidos, agressões com arma branca ou com arma de fogo. (HIRIGOYEN, 2006, p.45)

Considerações finais

Em entrevista ao jornal *O Globo* (FREITAS, 2011), Mãe afirma que o romance “é uma ostentação consciente do horror de sermos ainda humanos de baixa categoria”, que alude a uma Idade

Média mental que nos impede de enxergar a necessidade de “nos redimir do fato de provirmos dos animais, do fato de sermos, afinal, animais”.

Na mesma entrevista, Mãe menciona algumas fontes utilizadas para a sua criação ficcional, dentre elas, a escolha do nome da família. Segundo Mãe, em “Nome de guerra”, Almada Negreiros escreveu que os animais deviam ter o mesmo sobrenome das famílias a que pertenciam, para que todos soubessem a quem devolvê-los, caso eles se perdessem. Em seu livro, Mãe faz o contrário, dando o nome do animal à família, “a sublinhar esse percurso longo que falta fazer para uma humanidade mais efetiva”.

Se nos servirmos novamente da máxima de Hebbel, havemos de nos perguntar não apenas sobre as relações entre gêneros, sobre os meandros da busca desenfreada de poder sobre o outro, mas, principalmente, quanto ainda nos falta de estrada a ser percorrida até que possamos falar de nossa humanidade com letras maiúsculas.

Referências:

AGAMBEN, Giorgio. *O aberto*. O homem e o animal. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p.127.

BEZERRA, J. Benilton. A violência como degradação do poder e da agressividade. In: *Pensando a violência com Freud*. A brasileira na cultura. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, SBPA de POA, nov. 2005.

CABRAL, F.; DÍAZ, M. Relações de gênero. In: SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE; FUNDAÇÃO ODEBRECHT. *Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar*. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Rona Ltda., 1998. p. 142-150.

COZER, Raquel. A urgência como motor da escrita. *O Estado de S.Paulo*. 22 de janeiro de 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,a-urgencia-como-motor-da-escrita,669491,0.htm>>. Acesso em: 23 jan. 2015.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.

FREITAS, Guilherme. Entrevista com Valter Hugo Mãe, convidado da FLIP. Suplemento Prosa e Verso. *O Globo*, 22/01/2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2011/01/22/entrevista-com-valter-hugo-mae-convidado-da-flip-2011-358043.asp>>. Acesso em: 15 ago. 2015.

GAI, Eunice T. & TORRES, Daniela F. A ironia romântica como fio condutor para a interpretação do romance desonra. *Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários*, Volume 27, dez. 2014, p.29.

HIRIGOYEN, Marie-France. *A violência no casal: da coação psicológica à agressão física*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2006, p.45.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.

MÃE, Valter Hugo. *O remorso de Baltazar serapião*. São Paulo: Editora 34, 2010.

MADEIRA, Maria Zelma de A. & COSTA, Renata G. Desigualdades de gênero, poder e violência: uma análise da violência contra a mulher. *O público e o privado*. n° 19, 2012, p.83.

MUECKE, D.C. *Ironia e o irônico*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

NINA, Cláudia. O estranho mundo cão de baltazar serapião. *Revista Pessoa*, 11 de março de 2012. Disponível em: <<http://www.revistapessoa.com/2012/03/o-estranho-mundo-cao-de-baltazar-serapiao/>>. Acesso em: 13 mar. 2015.

SARDÀ, Amparo Moreno. Em torno al androcentrismo em la historia. *Cuadernos inacabados*. El arquétipo viril protagonista de la história. Exercícios de lecturas no androcentrica. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1991, p. 17-52.